

Sobre o Curso Superior de Polícia/CSP da PMESP e a Reportagem da FSP de 02 de setembro de 2019, intitulada “ *Ministros ideológicos e influencer bolsonarista darão palestra em curso de doutorado da PM-SP* ”.

(Enviado ao Jornal Folha de São Paulo em 04SET, 2019)

A matéria de autoria da jornalista Anna Virginia Balloussier e veiculada no jornal Folha de São Paulo em 02 de setembro de 2019, intitulada “*Ministros ideológicos e influencer bolsonarista darão palestra em curso de doutorado da PM-SP*” é tendenciosa, cheia de inverdades e difamatória contra a Instituição e os palestrantes dentro dos quais me incluo. Por conta disso, por ser assinante da Folha há mais de vinte anos, e principalmente por ser um dos convidados da fase integrada do Curso Superior de Polícia (doutorado profissionalizante) do Centro de Altos Estudos de Segurança (CAES) da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), me sinto no direito, e até na obrigação, de ter publicado nesse mesmo jornal, o texto a seguir.

De forma geral, na grande maioria dos países ocidentais passadas as eleições todos lutam pelo país, pelo seu progresso e desenvolvimento. Não conheço melhor exemplo de país em praticamente todos os aspectos do que os Estados Unidos da América. Lá sobram bons exemplos de como um país deve funcionar, embora eu discorde com muitas das suas políticas, por exemplo, aquelas que aceitam a prática do assassinato legalizado denominado de *aborto*. Dentre as virtudes lá reinantes, destaco o enorme e fervoroso patriotismo do seu povo, e a sua admiração, respeito e apoio às suas forças armadas, incluindo aqui as diferentes – e muitas e variadas – polícias. Na maioria dos países da América Latina, principalmente naqueles que saíram de regimes ditos *progressistas* (a Venezuela ainda não conseguiu, e as consequências disso estão à vista) o processo de globalização, associado a práticas e costumes que pessoalmente deploro, praticamente dizimaram o amor pelo próprio país e qualquer sentimento associado ao civismo e patriotismo. Uma forma de atuação desses verdadeiros apátridas, independentemente de qual país progressista se trate, tem sido recorrentemente a agressão (econômica, física, intelectual e até governamental) das suas polícias e forças armadas e a quase proteção pelas diferentes formas de criminais. Essa inversão de valores tem levado, por exemplo, a frases inacreditáveis tais como “*não é bandido, é excluído social*”.

Como em qualquer profissão, há jornalistas e Jornalistas. Considero que a matéria em questão, de autoria da jornalista Anna Virginia Balloussier, se enquadra nesse contexto. Trata-se de um texto tendencioso quando a autora devia ser objetiva. Trata-se de um texto que menciona uma parte mínima da programação em questão, quando uma análise da programação inteira mostraria que a jornalista ou mente, ou está totalmente desinformada. Ambas atitudes são deploráveis em alguém que se dedique a essa profissão tão louvável. Além disso, qual é o critério para que um indivíduo possa ser caracterizado como ultra-alguma-coisa? No caso de se referir a pessoas como sendo *ultradireitistas*, não

seria suficiente dizer que a pessoa é de direita se ela apenas professa e pratica as suas ideias de cunho conservador da maneira adequada? Isso desqualifica o indivíduo como profissional? Como pessoa? Como pai e esposo? Como amigo? Como professor e cientista? De novo, os pseudo-democratas apelam ao grito como prática de convencimento. Pessoalmente, considero que ser conservador é uma enorme *virtude*, posição que defendo perante qualquer plateia e em qualquer fórum.

O texto da jornalista é tão inadequado e injusto que fica clara a perplexidade da autora em relação ao fato de que palestrantes ditos “de direita” sejam convidados a participar de um evento dessa importância e numa instituição como o CAES/PMESP. Numa atitude ainda mais preconceituosa, deixa no ar que essa situação não parece condizente. De maneira ideal, tanto as forças armadas quanto as diferentes polícias devem ser instituições de Estado e não de Governo, ou seja, com neutralidade política. Mas isso não impede que os seus quadros tenham a oportunidade – e o direito - de ouvir através de palestras as diferentes opiniões e tendências das mais variadas áreas do conhecimento que, de maneira direta ou indireta, permitam a formação de polícias – e pessoas – de excelência. Certamente, esse tipo de evento numa uma instituição quase bicentenária cheia de glórias, honra, respeito, admiração e *agradecimento* do povo paulista, contribuirá – e muito – para que a instituição PMESP continue a ter o discernimento e a capacidade de percorrer o caminho correto como sempre o fez.

Tenho a mais profunda convicção de que esse é o caso em relação ao atual Curso Superior de Polícia do CAES/PMESP. A programação de cunho multi, inter e transdisciplinar inclui palestrantes de outras instituições acadêmicas além da minha (UFSCar) tais como FGV, INSPER, USP, USP Leste, Unicamp, e também de membros de outras esferas do poder (Exército Brasileiro, Polícia Federal, Tribunal de Contas, etc.). Ainda, vale destacar que já fizeram palestras no CAES representantes de entidades como o Núcleo de Defesa das Minorias (NUDEM), Instituto de Defesa do Direito de Defesa (IDDD), Coordenadoria para a População Negra e Indígena, Comissão Estadual de Educação em Direitos Humanos. Além disso, fato que muito provavelmente a jornalista desconhece, o CAES atualmente mantém uma parceria com o Instituto Sou da Paz para pesquisas acadêmicas e tem parceria com Núcleo Brasil de Estratégia da Fundação Escola de Sociologia e Política. Dessa maneira, a jornalista Anna Virginia Balloussier mencionar no seu texto que “*as polícias deram uma enorme guinada à direita*” é uma inverdade sem tamanho que beira a irresponsabilidade.

Finalmente, vem a questão dos “*dois ministros queridos pelo núcleo ideológico do bolsonarismo*”, num claro, desnecessário - e até desrespeitoso - deboche em relação ao atual governo. Não há ministros queridos ou não queridos. Há ministros alinhados ou não com o Presidente, e há ministros competentes, ou

não, com a missão a eles dada. Ministros podem ser técnicos, políticos ou ambas as coisas. Nada de errado nisso desde que cumpram seu papel a contento, de maneira eficiente, dentro da legalidade e principalmente dentro das propostas e dos princípios éticos e morais – dentre outros- que levaram o atual governo a se eleger por ampla maioria seguindo as regras democráticas em vigência. Doa a quem doer esse é o ritual que deve, sempre, ser seguido. Não dá para imaginar ministros sem ideologia mesmo que pertençam ao grupo dos ministros “técnicos” já que eles, obviamente, são oriundos de um governo que chegou ao poder através de um processo político. Não há política sem ideologia. Entretanto, parece que o problema para alguns autodenominados “democratas” é que a única ideologia certa é a sua própria ideologia. E teimam nisso mesmo que essa sua ideologia não tenha dado certo em lugar *nenhum* do mundo nem em nenhum período da história. Muitas vezes eles mantêm essa sua posição usando métodos execráveis em qualquer sociedade democrática (invasões, quebra-quebra, violência urbana e até esfaqueamento de candidatos de outros grupos políticos). Mesmo que as evidências socioeconômicas demonstrem que essa ideologia só leva à pobreza e à miséria de quase todos, e, é claro, à riqueza de alguns poucos (quase sempre associados aos que governam) esses pseudo-democratas ignoram aquilo de que “*contra fatos não há argumentos*” e continuam pregando a sua ideologia como sendo a única válida. Quando o poder muda de mãos, altamente recomendável em processos democráticos maduros, esses pseudo-democratas perdem o poder, e, em muitas ocasiões também perdem até a liberdade. Não aceitam a mudança de narrativa e passam a apelar ao “valeduto” e o “quanto pior, melhor”. Há mais de vinte séculos, Aristóteles dizia que a política deve ser essencialmente unida à moral, porque o fim último do estado é a virtude, ou seja, a formação moral dos cidadãos e o conjunto dos meios necessários para alcançar esse objetivo, destacando que a *ética* é a doutrina moral individual e a *política* é a doutrina moral social. Pena que muitos ainda não aprenderam isso. Nem a jornalista.

Certamente sei, e muito melhor do que a jornalista, como funciona o mundo acadêmico. Por conta disso, claramente a sua tendenciosidade é uma forma de tentar mascarar a sua ignorância em relação à academia, mesmo tendo cursado uma instituição de enorme prestígio como é a UFRJ. É muito claro que ambos ministros – a quem admiro e respeito pela sua coragem e profissionalismo – não estão lá como representantes do mundo acadêmico. Em particular, e de maneira muito óbvia, o ministro Weintraub está lá como administrador e não como cientista ou professor. E como tal, tem um excelente curriculum e cujo conhecimento certamente levará a que o sistema de educação do Brasil (não só o superior) tenha finalmente a chance de se converter numa instituição de primeiro mundo, livre de doutrinação e corporativismos que o levaram a ocupar a 119 posição no mundo (atrás de Etiópia!). Quando a jornalista, de maneira tendenciosa, faz alusão ao fato da ausência de doutorado, parece que ela ignora que instrução e conhecimento são coisas muito diferentes. Uma pena. Dou a ela a mesma recomendação que, humildemente, dou aos meus alunos: vai estudar!

*Nada pode deter uma ideia cujo tempo chegou* (Victor Hugo).

Dr. Eng. Fernando M. Araújo-Moreira

<http://lattes.cnpq.br/1809254923092721>

Professor Titular – Departamento de Física da UFSCar

Coordenador Geral do *Núcleo de Estudos Estratégicos em Defesa e Segurança-NEEDS*

Conservador e Patriota.